

A RETRADUÇÃO DE OBRAS LITERÁRIAS: ALGUMAS REFLEXÕES¹

Théo Amon²

Resumo

O fenômeno da retradução é especialmente pertinente quando se fala em obras clássicas da literatura estrangeira. Diversas são as razões para uma nova tradução: a evolução linguística, a revisão do cânone, falhas nas versões anteriores etc. Retraduções buscam transcender as versões anteriores, superando os defeitos que, pensa-se, as macularam. Por isso, é comum que a retradução sublinhe essa intencionalidade do retradutor no sentido de fazer uma diferença apreciável. Assim, ela frequentemente é apresentada como uma melhoria considerável, avanço esse que pode ser assinalado explicitamente no aparato para- e metatextual, auxiliando na diferenciação da nova tradução. Enquanto traduções pioneiras tendem a normalizar o estilo, adequando-o às expectativas da cultura de chegada, as retraduições costumam frisar a natureza adventícia da obra, sendo muito mais calcadas nos atributos microtextuais do original.

Palavras-chave: Tradução. Retradução. Intertextualidade. Metatextualidade.

Abstract

The phenomenon of retranslation is especially relevant to classic foreign literary works. There may be several reasons behind a retranslation: linguistic evolution, reappraisal of the canon, flaws in previous versions etc. Retranslations seek to transcend previous translations, overcoming the limitations that are thought to have blemished them. Therefore, a retranslation often underscores the retranslator's intention of making a significant difference. It is thus presented as a major improvement, a claim that may be explicitly pointed out in the paratextual and metatextual material. Whilst first translations tend to normalize style, adapting it to the source culture expectations, retranslations often highlight the extraneous nature of the work, following much more closely the microtextual features of the original.

Keywords: Translation. Retranslation. Intertextuality. Metatextuality.

1. Causas

Chama-se *retradução* a cada nova tradução proposta para um texto que já foi vertido no par de línguas em questão³. Isso se dá em todas as literaturas: os textos

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001.

² Mestre em Teoria, Crítica e Comparatismo, Programa de Pós-Graduação em Letras, Instituto de Letras, UFRGS (Brasil). theoamon@gmail.com.

³ Lidaremos aqui apenas com essa concepção estrita de retradução. Antoine Berman (*La retraduction comme espace de la traduction*, p. 3-4) avança um conceito estendido, que abarca também uma tradução que contemple obras ainda não vertidas daquele mesmo autor (contos completos de Poe

canônicos são vertidos novamente para cada época – as obras clássicas da literatura estrangeira reencarnam periodicamente, às vezes com mais de uma tradução nova dentro de uma mesma geração de leitores. Antoine Berman, com muito acerto, argumenta que "como nenhuma tradução pode pretender ser 'a' tradução, a possibilidade e a necessidade da retradução estão inscritas na própria estrutura do ato de traduzir." (BERMAN, 1990, p. 1, tradução nossa). Falaremos aqui do que entendemos ser as razões, a natureza e os efeitos mais profundos dessa constante reaparição dos mesmos textos em novas roupagens.

Em caráter provisório, afirmemos que essa renovação é mesmo um privilégio da tradução, sendo vedada ao original. O texto na língua A, em que o autor o escreveu, é o mesmo sempre (ressalvadas adaptações, resumos ou falsificações, que já são *novos* textos). Já as traduções desse texto na língua B podem ser diversas, e, tratando-se de livros canonizados, amiúde o são: qualquer passeio por uma livraria de bom tamanho traz à tona um par de *Madames Bovary*, três ou quatro *Dons Quixote*, uma boa meia dúzia de *Odisseias*. Assim, a um original vetusto opõe-se uma legião de traduções das mais variadas idades. O texto X na língua A subsiste em estado mumificado, ao passo que na língua B ele pode sempre remoçar. Mas por que o faz? Por várias razões. Examinemos primeiro aquelas que tangem ao polo receptivo da tradução (leitores, críticos, acadêmicos e acultura literária em geral)⁴:

a) O original em si pode ter passado por uma revisão quanto ao seu status canônico. A tradução que ficou décadas na obscuridade, sem ter ferido cordas mais profundas da sensibilidade do seu tempo, pode ter de ser refeita porque o interesse pelo original se renovou. É ilustrativo o caso da obra do inglês J. R. R. Tolkien, em boa parte traduzida para o português brasileiro na metade dos anos 90, quando era do conhecimento de um pequeno público de nicho. Após o sucesso estrondoso das adaptações cinematográficas dos livros e suas ramificações em variadas mídias, hoje está em andamento uma retradução completa de sua obra, a várias mãos. (BERCITO, 2018, s.p). *Contrario sensu*, há a hipótese de a retradução se valer do descrédito ou menor atenção que atualmente é conferido ao original para sair-lhe em defesa: é o perspicaz argumento avançado por Adam Philips, responsável pelas novas traduções inglesas de Freud publicadas pela Penguin Books:

(...) agora que os dizeres de Freud são desconsiderados tão irrefletidamente, é preciso uma defesa mais eloquente do valor dos seus escritos. Embora passível de ser largamente ignorada (...), uma nova tradução deve representar algo como um novo início para alguém que ainda tenha curiosidade. (*Apud* TAVARES, 2011, p. 51-2, nota de rodapé 9, tradução nossa).

b) Porque cada tradução, após dada a público, começa instantaneamente a perder atualidade. Nisso, paradoxalmente inverte-se o símile que propusemos provisoriamente acima: nas palavras de Antoine Berman,

vertidos por Baudelaire, por exemplo), ou que já o foram, mas a partir de outras línguas (traduções de Plutarco por Amyot, feitas diretamente do grego).

⁴ Ao considerarmos agentes externos ao ato da tradução estritamente concebido – isto é, sua confecção textual pelo tradutor –, filiamo-nos à percepção de Yves Gambier de que "[o]utros fatores (política editorial, leitores visados, personalidade do tradutor, tipo de coleção e de ilustração, modo de reprodução do livro etc.) permite apreendê-las [as retraduições]" (GAMBIER, 2011, p. 60, tradução nossa).

(...) ao passo que os originais permanecem eternamente jovens (...), as traduções "envelhecem". Correspondendo a um estado dado da língua, da literatura, da cultura, acontece (frequentemente muito rápido) de elas não responderem mais ao estado seguinte. (BERMAN, 1990, p. 1, tradução nossa).

A atualidade perdida diz respeito a diversos planos. O mais óbvio é o da evolução linguística na língua-alvo: uma tradução homérica em português de 150 anos atrás é pesada aos olhos e à mente, porém compreensível; uma que já fosse antiga de cinco séculos seria praticamente grego. Quando sentimos a necessidade de uma *tradução da tradução*, isto é, de um texto que nos capacite a entender aquilo que já era para ser uma versão válida, podemos dizer com bastante segurança que essa é uma tradução que já não nos serve. (Estamos falando do ponto de vista da fruição estética não especializada; ficam a salvo, é claro, leituras com fins filológicos). Em outro plano, normas e convenções especificamente tradutórias da cultura de chegada também desempenham seu papel aí, em função da variação natural que as ideias de aceitabilidade e adequação – para não invocarmos os mal-afamados fantasmas da "equivalência" e "correspondência" – sofrem com o tempo. Aí faz-se mister a retradução para exercer um verdadeiro *anti-aging*, modificando estilo e dicção do texto a fim de alinhá-los às expectativas renovadas do público leitor alvo.

c) Um outro momento de desatualização é o da interpretação que uma dada leva de leitores do original, entre leigos e especialistas, está inclinada a dar ao livro. Todo leitor está imerso em um contexto que condiciona e guia a sua leitura em mais de um plano: linguístico, filosófico, ideológico, estético-literário, imagético, intertextual etc. Esse pano de fundo sofre sensíveis alterações com o tempo; logo, nada mais natural que o mesmo livro seja objeto de visadas interpretativas cambiantes, podendo mesmo, conforme o seu potencial, privilegiar leituras diametralmente opostas dentro de um período nem tão longo. A escolha do texto para retradução aí é predicada em uma interpretação que difere daquela inscrita em uma versão anterior, que se tornou inaceitável ou que agora é considerada insuficiente em algum aspecto. Isto é, a tradução antiga não tinha nada de "errado" em si: só não se presta às interpretações que hoje se aplicam ao original. Assim, precisamos novamente retocar o nosso símile e conceder: as traduções *também* envelhecem, mas, ao contrário do texto-fonte, podem ser reenunciadas sem que sejam por isso desclassificadas como um subproduto ou contrafação (como é o caso, entre o público *high-brow*, de uma atualização, simplificação ou refundição do original por mão alheia).

Por outro lado, as instâncias ativas, produtoras da tradução, também podem se alçar a estímulos para retraduições:

d) Editoras interessadas na valorização do seu catálogo através de autores consagrados podem encomendar retraduições. No Brasil, com seu mercado bastante incerto e sujeito a intensas pressões de custo, a entrada em domínio público de um escritor de prestígio costuma desencadear sua aparição em mais de uma casa editora⁵. Foi o caso notório de Sigmund Freud a partir de 2010, por exemplo, que hoje goza de três coleções diferentes que se dispõem a retraduzir seus textos (desta feita, diretamente do original, ao contrário da versão anteriormente difundida, feita a partir

⁵ Situação constatada também por Gambier (2011, p. 54, nota 12).

da *Standard Edition* de James Strachey⁶). Mas não é o único caso possível: mesmo tendo seus direitos assegurados contratualmente, uma editora pode querer forjar uma identidade mais uniforme na língua de chegada para autores de seu catálogo por meio de uma voz tradutória consistente. Outro exemplo concreto da nossa realidade editorial recente: recentemente a Companhia das Letras publicou retraduições das *Confissões do impostor Felix Krulle* da novela *Tonio Kröger*, títulos de Thomas Mann que já existiam no catálogo da editora (Nova Fronteira) da qual a Companhia adquirira os outros títulos que vem relançando nos últimos anos.

e) A retradução também pode ser ocasionada pelo próprio tradutor, que inicialmente se encarrega dela a despeito de fatores transindividuais. O profissional pode ser movido por razões puramente materiais, sua admiração pessoal pelo texto, o desejo de atacar um desafio técnico particular ou a convicção de que pode fazer alguma diferença⁷ (retradução como melhoria, um tópico que voltará mais adiante). Porém, na medida em que o autor goza de um status canônico na cultura traduzida e as traduções da obra do autor seguem interessando aos editores, o esforço de outros agentes concorre para a realização de projetos tradutórios que poderiam parecer apenas uma expressão do gosto e sensibilidade literários do tradutor: editoras, órgãos de fomento, editais de cultura, pesquisa acadêmica, *workshops* de tradução, colaboração com colegas, divulgação do trabalho em andamento em *blogs* e redes sociais etc.

f) O autor do original, cioso da imagem das suas obras em língua estrangeira, pode ele mesmo estimular a produção de novas traduções. Um exemplo seria um projeto de retradução maciça no marco de uma edição das obras completas em um país, após publicações esparsas de alguns títulos apenas. Escritores que desfrutam de ampla tradução já em vida podem mesmo se envolver ativamente na seleção, avaliação e aprovação das suas versões em outras línguas, especialmente naquelas que manejam⁸.

2. Natureza

Cabe agora indagar da natureza da retradução – isto é, aquilo que, quaisquer que sejam suas motivações, a caracteriza. Via de regra, retraduições buscam transcender as versões anteriores, superando os defeitos que, pensa-se, as macularam. Assim, elas podem representar uma melhoria sensível porque utilizam-se de uma edição definitiva do texto-fonte que antes não estava disponível ou empregam uma estratégia discursiva que mantém uma correspondência semântica ou analogia estilística mais próxima do original. No entanto, o apanágio mais celebrado das retraduições é a correção de deficiências propriamente linguísticas das traduções pioneiras. Nisso, elas estão alinhadas à forma mais comum de crítica de tradução, que

⁶ Cf. Tavares (2011, *passim*).

⁷ Berman, em um tom quase messiânico, fala mesmo de um *tradutor certo*, dotado de uma *pulsão tradutória* que é bem mais do que o desejo de traduzir. Só este agente estaria apto a produzir o que ele chama de a *grande tradução*, aquela que suspende por algum tempo a *défaillance* (insuficiência, falha, déficit) inerente a toda tradução (está falando das versões lendárias de grandes clássicos, como a *Vulgata* de São Jerônimo, o *Quixote* de Tieck, o Shakespeare de Schlegel etc.). Cf. Berman (1990, p. 6-7).

⁸ Uma ilustração de um caso-limite interessante (impedimento de tradução intralingual) é a intervenção de José Saramago, que desejou expressamente que a grafia lusa dos seus livros fosse mantida na edição brasileira (SARAMAGO, 2009, ficha técnica).

se concentra, em grande medida, em assinalar deslizos de compreensão do texto-fonte ou de manejo da língua-alvo (sob uma perspectiva normativa, está entendido). É a conhecida "caça às pérolas", isto é, a listagem e retificação de lapsos grosseiros e, muitas vezes, engraçados. Frequentemente, essa pretensão é justificada: a crescente profissionalização do ofício do tradutor foi acompanhada de uma atitude menos descuidada para com o objeto do trabalho, assim como de um escrutínio mais atento por parte dos sujeitos da recepção. Com isso, os critérios mais frouxos ou acidentais do traduzir antigo ganharam um relevo inevitável, constituindo-se em uma importante motivação para a elaboração de novas traduções, mais criteriosas e competentes.

Além do plano da correção, é comum nas retraduições uma maior atenção ao estilo do original. Traduções pioneiras são mais orientadas ao sistema de chegada, suprimindo a alteridade do texto original a fim de aumentar a sua legibilidade para os leitores do sistema de chegada⁹. Elas fazem isso aplainando o texto de diversas formas: borrando implícitos semânticos, reduzindo a novidade e a variedade lexicais, transpondo estruturas sintáticas para alinhá-las às normas da língua-alvo, diminuindo as redundâncias e obscurecendo as recorrências (em prol da célebre "elegância" de estilo), normalizando traços exóticos e afrouxando relações estruturalmente coesivas. Esta acomodação do texto ao gosto e aos hábitos do público leitor-alvo acaba por achatá-lo, apagando a sua diferença – exatamente um dos traços mais distintivos da literatura estrangeira quando recepcionada nacionalmente. Já

(...) as retraduições são uma projeção não apenas do original na língua-alvo do qual são derivadas, mas também sustentam uma relação de tensão e até de competição face às versões preexistentes na língua-alvo. Esta última relação dialógica pode ocasionalmente transparecer na nova versão: os tradutores podem adotar ou adaptar soluções de uma tradução anterior, ou propositalmente alterá-las em um grau drástico em busca de inovação. (HORTON, 2016, p. 44, tradução nossa).

(Como dito no final desta citação, essa emulação pode, em sua forma radical, levar o retradutor a adotar soluções técnicas diferentes das anteriores *precisamente e apenas* porque são diferentes, e nem sempre porque lhe parecem mais adequadas ou aceitáveis. Desnecessário dizer que esse espírito do contra, se tiver precedência absoluta sobre as demais considerações que um tradutor deve levar em conta em seu trabalho, pode ser bastante prejudicial ao resultado artístico.)

Entretanto, além dessas primeiras frentes de diferenças, existem implicações mais profundas. Podemos dizer que a interpretação de um texto literário é uma busca pela relevância máxima das partes constituintes, sendo impelida pela suposição de que a escolha autoral da expressão é sempre portadora de significação. No entanto, ao mesmo tempo a instabilidade de significado é vista como um traço essencial do texto literário: nele, em maior medida do que no texto técnico ou meramente informativo, significados de segunda ordem (conotação, associações psicológicas, ressonâncias intertextuais), que exigem o envolvimento ativo do leitor, têm tanto peso quanto os

⁹ Trata-se da dita "hipótese da retradução", qual proposta, por exemplo, na obra de Antoine Berman (e temperada por Yves Gambier, que a qualifica de "simplista"). Seu pressuposto é que "uma primeira tradução (naturalizante, dirigida ao alvo) só integraria muito parcialmente a cultura de partida. Ele é ou seria uma introdução, uma aclimatação, submetida a imperativos socioculturais, zelosa de agradar aos receptores mais que promover a estranheza, a letra, a singularidade do texto original, restituir-lhe toda a sua significação, forçando a língua tradutora" (GAMBIER, 2011, p. 54, tradução nossa).

de primeira ordem (a conceituação cultural ou linguística estabelecida, tal como encontrada em dicionários e enciclopédias, dá conta destes). Como o mundo representacional sempre difere de leitor para leitor, segue que não há duas leituras iguais. Armin Paul Frank e Harald Kittel desenvolvem essa problemática, dando o passo extra que a situação especial da tradução implica:

Cada obra literária oferece um *potencial de compreensão razoável* ou *experienciação imaginativa*, ou ambos, que nenhum leitor ativa – ou, se se preferir: realiza ou exaure – em toda a sua medida. A história de uma obra e de suas interpretações é a história de realizações parciais. Mas uma tradução literária é parcial em um sentido ainda mais agudo. Isso advém porque nela a realização parcial por parte do tradutor é re-formada [*nachgestaltet*] com os recursos radicalmente diversos do polo de chegada e no *contexto tradutório* do polo de chegada. (FRANK & KITTEL, 2004, p. 49, tradução nossa, grifos do original).

Em síntese: como um leitor é um ser histórico, e não um cérebro num balde, e o tradutor é antes de tudo um leitor, a tradução funciona como um sistema de recortes duplos, em que, sobre a seleção e enfoque que o autor do original dá ao mundo (real ou imaginário), recai uma segunda operação limitadora, a do tradutor. Concretamente, isso quer dizer que as suas escolhas técnicas/linguísticas (e escolher é sempre abrir mão de algo) têm efeitos literários profundos porque reconfiguram a gama interpretativa que o original abre aos que o leem na língua-fonte.

Esta segunda instância de controle envolve o que Rosemary Arrojo designa como o "desejo do tradutor [de] não apenas tomar posse do texto alheio, mas de tornar-se o proprietário definitivo de seus significados e limites." (ARROJO, 2001, p. 155). Com a retradução, um intérprete novo pretende impor o seu entendimento do texto sobre aquele de um intérprete antigo, em uma concorrência hermenêutica com efeitos amplos sobre o seu trabalho. O retradutor costuma ter ciência disso e opera buscando "interpretar o texto-fonte de acordo com um conjunto de valores diferente, de modo a dar ocasião a uma recepção nova e diferente desse texto na cultura tradutora." (VENUTI, 2003, p. 100, tradução nossa). Em outras palavras, a agência do retradutor se distingue da do tradutor pioneiro por um aumento significativo de autoconsciência, ao procurar levar em conta as múltiplas condições e consequências do traduzir.

"[O] tradutor de um texto possui uma presença empírica como um sujeito cultural-histórico que está inscrito no texto." (HORTON, 2016, p. 14, tradução nossa). Se tem conhecimento de predecessores em sua tarefa, o retradutor precisa se posicionar quanto ao que eles fizeram com seu objeto de trabalho. Disso decorre que as retraduições criam valores duplamente ligados à situação receptora, determinados não apenas pelos valores receptores que o tradutor inscreve no texto, mas também pelos valores inscritos em uma versão anterior. Esse débito duplo tem implicações diretas sobre a contextura da retradução, que sói apresentar uma diferença intencional em relação à tradução pioneira. A intencionalidade do tradutor também é sublinhada porque ele está ciente não apenas das diferentes interpretações inscritas no texto por versões anteriores, mas também das normas linguísticas e culturais que dão origem a essas interpretações, como cânones literários, estratégias discursivas dominantes e convenções tradutórias vigentes.

Um exemplo conhecido deste último caso é o *boom* das traduções de literatura russa que o Brasil teve a partir dos anos 2000. A maioria dos títulos que vêm sendo

publicados é constituída de retraduições, pois boa parte já fora vertida para o português nas décadas anteriores. No entanto, antigamente a regra em traduções de literatura russa era a versão indireta, isto é, realizada sobre um original de segunda mão (uma tradução em uma língua de maior circulação, mormente inglês, francês ou espanhol). Tal expediente era não só aceito como preciso, pois o número de tradutores profissionais do russo (assim como de outras línguas eslavas, nórdicas ou orientais) no Brasil era pequeno. Com o grande assomo da reflexão teórica sobre a tradução, melhores condições de formação de profissionais do ramo e uma elevação dos padrões de aceitabilidade por parte de editoras e leitores, fez-se necessária uma retradução maciça do patrimônio literário russo, agora vertido diretamente do original. Sua proveniência direta é indefectivelmente salientada no aparato paratextual e metatextual (capas, introduções, prefácios, posfácios, orelhas, contracapas, notas de rodapé, marketing editorial, notas de imprensa, entrevistas com tradutores ou editores, e resenhas), sinalizando seu status de retradução e auxiliando a explicitar a interpretação concorrente que o retradutor busca promover no seu trabalho.

3. Efeitos

Por fim, quais são as consequências literárias maiores da existência de várias traduções de um mesmo livro? Renée Barter, citada por David Horton, considera

todas as traduções (...) como manipulações inevitavelmente subjetivas do original que não degradam, mas enriquecem umas às outras ao longo do tempo e que, assim, acrescentam aos potenciais de sentido do texto-fonte. O antiquíssimo lamento sobre a inevitável perda da tradução é revertido aqui, e toda tradução é vista como geradora de ganho através de um processo de acreção e mútua modificação interpretativa. (*Apud* HORTON, 2016, p. 10, tradução nossa).

Na contramão da autopromoção das editoras, que se compraz em proclamar novas "traduções definitivas" que suplantariam para sempre as anteriores, essa observação aponta para um enriquecimento literário constante à medida que as retraduições se sucedem. Aliamo-nos a essa opinião: por piores que sejam as falhas e limitações de traduções antigas, não perdemos nada em tê-las. Pelo contrário – mesmo no caso extremo de elas não serem mais legíveis sob nenhum critério estético, permanecem como documentos vivos da evolução receptiva de um autor estrangeiro no sistema de chegada: "A retradução pode lançar luz sobre as condições cambiantes que influenciam a produção e recepção de textos traduzidos." (HORTON, 2016, p. 24, tradução nossa). Afora isso, por frequentemente influenciarem, via exemplo negativo ou positivo, retraduições mais festejadas, as versões historicamente ultrapassadas têm sua parte nos méritos dessas.

Do ponto de vista da literatura comparada, quando um livro é traduzido mais de uma vez, isso atesta o caráter progressivamente canônico de um texto literário fora da sua cultura de origem. Traduções fazem parte da fortuna e do sucesso de um dado livro – só o fato de uma obra ter sido sujeita a mais de uma versão em um idioma diz algo, e muito, sobre o seu impacto junto ao sistema receptor. Consideradas de uma perspectiva diacrônica (dado que a distância temporal entre original e retraduições é progressivamente maior do que aquela entre original e tradução pioneira), as retraduições acabam funcionando como um termômetro onde se lê a

mudança gradativa das normas e ideologias da sociedade enquanto receptora de obras literárias estrangeiras.

Em um aspecto mais individual, a existência de um *corpus* de diversas traduções de um livro num mesmo idioma tem para o leitor não bilíngue um valor inestimável, visto que para cada releitura ele pode variar seu ângulo de ataque à obra e se expor a um espectro cada vez mais amplo de significação literária, indenizando-o largamente por seu desconhecimento do original. Já para o leitor especializado em um autor ou obra, ricas oportunidades para novos *insights* interpretativos são oferecidas pelo conhecimento das diversas versões já realizadas. E, no que tange ao estudioso de traduções ou ao próprio retradutor, não é absurdo dizer que lhe é indispensável conhecê-las todas: "a prudência dita que, até prova em contrário, não se devem realizar estudos textuais em que a relação de uma tradução com as traduções precursoras não seja esclarecida." (FRANK & KITTEL, 2016, p. 43, tradução nossa).

Um último efeito singular das retraduições é que elas contribuem decisivamente para o adensamento da rede intertextual que cerca um dado título. Como elas geralmente são concebidas, conforme vimos, para complementar ou se opor a uma versão anterior, elas possivelmente construirão uma intertextualidade mais complexa a fim de significar e chamar a atenção para a sua interpretação concorrente (também pelos paratextos já citados, mas não só por eles): elas podem se abeberar nas fontes primárias que o escritor usou para compor a obra, investigar seu percurso biográfico e o lugar que a obra em questão ocupa nele, inserir na tradução pistas que apontem para outras obras do autor ou da corrente literária a que ele se filia, fazer incidir sobre o texto recursos literários que, na época da tradução pioneira ou mesmo do original, ainda não haviam surgido etc.¹⁰Elas são capazes inclusive de selecionar e estreitar o público da obra traduzida àqueles leitores que possuem o conhecimento especializado para reconhecer a intertextualidade e, portanto, a nova interpretação inscrita pelo retradutor (é o caso das retraduições brasileiras de Freud, que se valem indiretamente das severas críticas assacadas à edição antiga para afirmar sua validade¹¹). Porém, porque os leitores em geral podem conhecer de fato uma versão anterior, eles são capazes de perceber a diferença assinalada por uma retraduição mesmo quando não são remetidos por esta a uma conexão intertextual específica.

Uma vez que elas se fiam em uma intertextualidade mais densa e complicada para produzir essas diferenças, as retraduições podem até mesmo desfamiliarizar o texto-fonte¹², assim como formas e tradições da cultura-alvo. Fazem isso inspirando novas maneiras de ler e fruir dos textos, até para quem os lê no original – uma interpretação nova contida na versão estrangeira pode abrir novas perspectivas mesmo no sistema-fonte. Em um plano mais abstrato, retraduzir é se confrontar, novamente e com mais urgência, com a responsabilidade ética do tradutor de evitar que a língua e cultura de chegada apaguem as diferenças linguísticas e culturais do texto de partida, a sua estrangeiridade. É o que acontece quando uma nova versão se atém mais de perto às idiosincrasias lexicais, sintáticas e estilísticas do autor

¹⁰ Evidente, muitas dessas ações podem ser vistas como anacrônicas ou abusivas, mas seguem sendo possibilidades.

¹¹ Cf. Tavares (2011, *passim*).

¹² O inescapável Jorge Luis Borges vai além e provoca: "As muitas traduções (e a suficiente cultura para ter bom critério) permitem talvez prescindir dos originais" (*apud* BIOY CASARES, 2006, p. 430, tradução nossa).

estrangeiro, em vez de domesticá-las em prol de uma legibilidade mais imediata. Nisso, o retradutor cumpre um papel singularmente paradoxal: afastando o texto dos costumes da cultura de chegada, obriga esta a, por sua vez, se aproximar da cultura de partida. A lição da retradução é que essa responsabilidade pode ser cumprida com mais eficácia quando se permite que a situação ímpar do retradutor abra novos caminhos de invenção, de modo a afirmar uma interpretação concorrente sem que seus predecessores sejam por isso desqualificados.

Referências

ARROJO, R. Borges e a maldição de Babel: escritura, interpretação e conflito. *In*: SCHWARTZ, J. (org.). *Borges no Brasil*. São Paulo: Editora UNESP/Imprensa Oficial do Estado, 2001, p. 149-163.

BERCITO, D. *Grupo de brasileiros refaz traduções da obra completa de J. R. R. Tolkien*. São Paulo: Folha de S. Paulo, 30 ago. 2018. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2018/08/grupo-de-brasileiros-refaz-traducoes-da-obra-completa-de-j-r-r-tolkien.shtml>. Acesso em 17 set. 2018.

BERMAN, A. La retraduction comme espace de la traduction. *In*: *Palimpsestes*, 4, 1990. Disponível em <<http://journals.openedition.org/palimpsestes/596>; DOI: 10.4000/palimpsestes.596>, acesso em 11 de dezembro de 2018.

BIOY CASARES, A. *Borges*. Barcelona: Destino, 2006 (Colección imago mundi, vol. 101).

FRANK, A. P.; KITTEL, H. Der Transferansatz in der Übersetzungsforschung. *In*: FRANK, A. P.; TURK, H. (org.). *Die literarische Übersetzung in Deutschlang. Studien zu ihrer Kulturgeschichte in der Neuzeit*. Berlin: Erich Schmidt Verlag, 2004 (Göttinger Beiträge zur internationalen Übersetzungsforschung, v. 18), p. 3-67.

GAMBIER, Y. La retraduction : Ambiguïtés et défis. *In*: MONTI, E.; Schnyder, P. (org.). *Autour de la retraduction. Perspectives littéraires européennes*. Paris: Orizons, 2011, p. 49-66.

HORTON, D. *Thomas Mann in English: A Study in literary translation*. Nova York/Londres: Bloomsbury, 2016.

SARAMAGO, J. *Caim*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

TAVARES, P Heliodoro. *Versões de Freud: breve panorama crítico das traduções de sua obra*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2011.

VENUTI, L. Retranslations – The Creation of value. *In*: VENUTI, L. *Translation changes everything: Theory and Practice*. Londres/Nova York: Routledge, 2013, p. 96-108.